

PRIMITIVOS SOMOS NÓS

por

Vítor Oliveira Jorge¹

Resumo: breve reflexão sobre a invenção ocidental da ideia pejorativa de “primitivismo” aplicada a sociedades exóticas, e sugestão de que, com o desenvolvimento capitalista neoliberal, foi o Ocidente que se tornou de algum modo selvagem, tendo-se tal novo tipo de barbárie expandido a toda a parte.

Palavras-chave: primitivismo; capitalismo neoliberal; globalização.

Abstract: a brief reflection on the Western invention of the pejorative idea of "primitivism" applied to exotic societies, and a suggestion that, with neoliberal capitalist development, it was the West that became somewhat savage and that such new kind of barbarism expanded to everywhere.

Key-words: primitivism; neoliberal capitalism; globalization.

Bárbaros, selvagens, primitivos, etc., nós ocidentais inventámos ao longo da nossa história uma grande variedade de epítetos para designar o Outro humano (caso o admitíssemos nesta qualidade, o que muitas vezes se discutiu: se o outro, diferente de nós, possuía ou não uma alma, e portanto se, em caso da conclusão ser negativa, tinha de ser enquadrado nas espécies animais). Designar o outro, classificá-lo numa tabela geral de identidades, significava evidentemente dominá-lo, cartografá-lo, e, no mesmo passo, colocarmo-nos a nós como autores do mapa, quer dizer, na posição superior de observadores, complacentes ou não. Toda a base inicial da “antropologia” e da ideologia e prática coloniais estão aí.

Quem éramos “nós”? Essencialmente brancos, do género masculino, de formação cristã. O que evidentemente tinha pressuposta uma hierarquia de valor, segundo a qual nós ocupávamos o topo, e tínhamos por missão, a bem ou à força, e pelo menos em teoria, erguer o Outro à esfera da sua total humanização, do progresso, da verdadeira religião, das práticas de civilidade. Dar ao outro a noção do verdadeiro deus, conceder ao outro a razão, afastá-lo dos fetiches que adorava,

¹ Instituto de História Contemporânea (IHC) – FCSH – UNL.
Contato: vitor.oliveirajorge@gmail.com

enfim, dar-lhe maneiras, salvar-lhe a alma, torná-lo credível e útil, ou seja, pô-lo a trabalhar para nós.

Assim inventámos o conceito de sociedades primitivas, paradas no tempo lá longe, nos extremos da Terra (trópicos ou regiões geladas), onde o clima e as circunstâncias (quando não a raça e as imaginadas características de menoridade das “raças inferiores”) não tinham favorecido o progresso, não tinham estimulado a invenção e a criatividade. Onde o tempo era vivido de uma maneira essencialmente não produtiva, irresponsável e preguiçosa, totalmente oposta à lógica capitalista resumida na frase “Time is Money”. Dinheiro, sim, nosso progressivo deus à medida que a sociedade se laicizou, e não teve mesmo pudor de bem explicitar em notas de banco (norte-americano) essa crença suprema: “In god we trust”.



Figura 1.²

Com raízes bem conhecidas nos primeiros “contactos” com sociedades exóticas, de portugueses, espanhóis, e logo ingleses, franceses, holandeses, etc., mas de tradição muito mais antiga – a “curiosidade” pelo “diferente” vem da antiguidade, invocando-se a esse respeito muitas vezes os textos de Heródoto, por exemplo – o século XIX, apogeu da triunfante burguesia industrial, ergueu a ideia de progresso e de expansão europeia a um primeiro auge. E exemplares vivos de primitivos vindos de outras paragens foram presença obrigatória em inúmeras exposições

² Imagem de domínio público. Fonte (Page URL): https://commons.wikimedia.org/wiki/File%3A1in_god_we_trust.jpg; File URL: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bb/1in_god_we_trust.jpg; Attribution: By The original uploader was Themanwithoutapast at English Wikipedia [Public domain], via Wikimedia Commons.

realizadas, como se sabe, nas grandes capitais europeias, como Londres ou Paris (a torre Eiffel foi um dispositivo “panóptico” para a observação, a partir de cima, desses microcosmos que simbolizavam o poder), sendo exemplares de humanos exóticos exibidos em “feiras” e outros entretenimentos populares circenses ao lado de feras ou aves tropicais, etc., etc.

Autores falaram, com propriedade, de “jardins zoológicos humanos”, pois que não chegava mostrar objetos rudimentares quotidianos ou estatuetas de divindades de que essas comunidades primitivas se serviam para os seus rituais, mas as próprias comunidades vivas, em ação, no seu tipicismo, no seu *habitus* um tanto atônito e despido, ali expostas para o olhar maravilhado das senhoras e dos senhores de sociedade, mas também para os trabalhadores. Estes precisavam igualmente de se entreter, e de se aperceber, nos intervalos permitidos pelos patrões, de que, por muito dura que fosse a sua vida, era bem melhor que o desconforto daqueles seres que, vivendo na natureza, despidos, estavam expostos a todos os perigos. Antes o conforto dos lares, por mais acanhados que fossem! A maior desgraça do outro serve sempre para compensar, de algum modo, a desgraça relativa do próprio.

A arqueologia pré-história surgiu assim também neste contexto, irmã aliada da antropologia. Se esta estudava e mostrava os primitivos no espaço, nossos contemporâneos, nossos intermediários relativamente à natureza (ora vista como edénica, predisposta a todas as deliciosas licenciosidades, ora vista como perigosa e maléfica, traiçoeira), a pré-história construía a narrativa desse “link” no tempo, explicava a emergência da história propriamente dita. Tudo fazia sentido, teleologicamente: primitivos tínhamos sido, mas tínhamos evoluído para a civilização, à custa de peripécias que aquela história contava, e, contando, de algum modo explicava (esta mescla de narração e explicação é intrínseca ao modo da história).

Os outros, primitivos, permaneciam – na sua simplicidade, leia-se imperfeição, falta de engenho e indústria, que, tal como os animais, lhes dava o estatuto ambíguo de ora serem vistos como criaturas inocentes, ora perigosas e imprevisíveis – parados no tempo, ilustrando, aos nossos olhos deslumbrados, a nossa própria pré-história. Tudo fazia sentido. A história e sua pré-história, apoiada na arqueologia e outras “ciências auxiliares”, explicava os tempos longínquos, a antropologia nas suas várias modalidades os espaços longínquos e suas vivências. E tudo isso interessava museografar, para ilustração das massas e prova evidente da nossa superioridade, através de uma narrativa coerente e sequencial.

Nós, civilizados, tínhamos perdido essa inocência, essa bruteza, essa simplicidade, e vivíamos na nostalgia (e nos sonhos eróticos, bem entendido) dessa perdida simplicidade que, imaginada mais do lado do “sentido do prazer” do que do de “realidade”, permitia ao outro comportamentos que nós tínhamos de recalcar,

ou, evidentemente, de praticar às escondidas. Onde eles eram “livres”, imaginava-se, nós, os sujeitos, nomeadamente através do “contrato social”, tínhamos de ter feito o pacto de nos abstermos, pelo menos em público, do nosso lado “animal”, para podermos desenvolver as virtudes do trabalho, da produção, da domesticidade acomodada, enfim, do viver em comum condigno e sujeito a regras bem definidas e a estatutos sociais diferenciados. Aceitar as diferenças sociais como mandamentos divinos, como fatalidades insuperáveis, porque muito antigas... o custo a pagar pela civilização.

Assim, a invenção do exótico, ligado às viagens, ao “Grand Tour”, à natureza, ao despaiamento dos lazeres, ao gosto do pitoresco e do antigo, à exposição do corpo ao sol e invenção das férias e das praias como interrupção das rotinas, etc., etc., tudo foi confluindo no sentido dessa grande indústria moderna que é o turismo, dessa prática obsessiva que é o registo fotográfico ou cinematográfico (centralidade da visão e desejo de fixar imagens ou sequências do vivido), e dessa tumulação imaginária da memória que é o museu. São dispositivos que fazem todos sistema.

E, tal como o ensino dito superior, dantes apanágio de uma elite, se generalizou, criando uma particular classe de indivíduos diplomados, em larga medida ignorantes, assim também a fruição turística de massas (pagar para contemplar “paisagens”, durante um tempo limitado, apresentadas sob a forma mirífica de experiências totais, para não dizer iniciáticas) se transformou em algo corriqueiro, apenas se distinguindo, segundo as classes sociais, pelo grau de conforto com que se realiza. Hoje somos todos nómadas à procura do exótico. Para conseguirmos aguentar o desencanto da vida, temos de nos “despaisar” de vez em quando. Pierre Clastres caracterizou isso bem, de forma sarcástica, num dos seus inesquecíveis textos insertos no livro “Pesquisas de Antropologia Política.”³

A nostalgia da natureza, invenção ocidental, impregnou completamente a consciência (ia escrever o inconsciente...) ocidental e as suas artes. Veja-se por exemplo o maravilhoso quadro do pintor surrealista belga Paul Delvaux, “O Despertar da Floresta”, de 1939. Nele parece estar representada uma cena natural, em que homens e mulheres irrompem nus do interior de um bosque, ao qual parecem “pertencer”, e são objecto da análise “fria” do “cientista” que, do lado esquerdo do quadro, nas suas vestes burguesas, surge como uma espécie de intruso exterior à cena, atónito perante o espetáculo de algo perdido para sempre, e que se procura entender, pelo intermédio da “lente da objectivificação”, da objectividade. Objecto do saber, a realidade “petrifica-se” e torna-se simultaneamente atraente (fascinante, causa do desejo de algo perdido, motor da nostalgia) e inexplicável, estranha ao

³ Há uma edição de 2012, da du Seuil, Paris, intitulada “Recherches d’Anthropologie Politique”.

homem civilizado que, a todo o custo, tudo tenta experienciar e passar para o lado da razão, do logos, da norma, da lei, da regra. Nesta contradição vivemos, entre o paraíso perdido das origens e a expectativa messiânica do “progresso” que nunca mais chega, a não ser sob a forma de avatares que só nos aumentam o stress e a burocracia (veja-se o caso da internet). Vivemos hoje, em que o cientista já não veste paletó mas bata branca, sob o signo do desencanto, presas do conforto e da “fuga selvagem” pré-programada... mas também nos está vedada a nostalgia das “origens”, que sabemos bem serem míticas...



Figura 2.⁴

Tendo como pano de fundo bem assente que a “sociedade primitiva” é uma invenção do Ocidente⁵ – com tudo o que isso implica de teorização da nossa

⁴ Fonte: <https://www.wikiart.org/en/paul-delvaux/the-awakening-of-the-forest-1939>. Imagem de utilização livre (“fair use”), como se indica na fonte: “Fair use rationale: 1. it is a historically significant artwork; 2. the image is only being used for informational and educational purposes; 3. the image is readily available on the internet; 4. the image is a low resolution copy of the original artwork and is unsuitable for commercial use.” Claro que o quadro de Delvaux tem outra complexidade, que não é meu objectivo explorar aqui.

⁵ Veja-se, entre muitos, o clássico de Adam Kuper, “The Invention of Primitive Society: Transformations of an Illusion”, Londres, Routledge, 1988. Também tem interesse para o tema deste ensaio, de uma perspectiva conservadora, típica dos “novos filósofos” saídos de Maio de 68 (Alain Finkielkraut,

superioridade, das razões do nosso domínio sobre o mundo, do nosso racismo e xenofobia, etc., etc. – é bem evidente que esse “primitivismo” se representou em muitas regiões do Sul do planeta (África, América do Sul, zonas da Ásia ou do Pacífico, etc., etc.) mas também, rapidamente, se estendeu a todas as áreas – predominantemente meridionais – dos próprios países ou regiões “centrais” de onde emanava o conhecimento e a vontade imperial do controlo do comércio e da exploração ultramarinos. Por exemplo, o Sul da Europa é, por muitos europeus do Norte, encarado como mais “atrasado”; o Mediterrâneo, antigo centro da nossa civilização, é visto hoje principalmente como um local de férias, e como tal musealizado e comercializado. E cada “Norte desenvolvido” tem o seu “Sul” prazenteiro e edénico, de clima ameno, na imaginação das pessoas: em Portugal é o Algarve (na verdade, verdadeiro inferno em Agosto, para quem não tem a possibilidade de frequentar os seus enclaves de luxo); para muitos europeus – como destino mais acessível e exótico, eivado de “orientalismo” - era o Norte de África e em geral os países árabes, antes das circunstâncias da última década que levaram a evitar esses locais como áreas de perigo, etc.

A globalização e a facilitação das viagens, por seu turno, veio trazer a toda a parte do planeta “visitantes” – turistas, cientistas, exploradores, etc. – em procura do exótico, do diferente, ocupando todos os nichos, mas, ao mesmo tempo, miscigenar e estandardizar em escala jamais vista produtos, costumes, ambientes. Um caso extremo paradigmático é o turístico Club Med⁶, que por toda a parte “exporta” o seu ideal de felicidade, permitindo às pessoas que, despaisando-se, continuem a fruir uma paisagem completamente “plastificada” em total “segurança”; trata-se deste paradoxo que começa a ser típico de todos os locais: qualquer que seja a região do planeta para onde se vá, as mesmas “marcas” e os mesmos dispositivos de conforto ou de “aventura” programada (pontos de referência familiares e securizantes) estão lá, para quem os possa pagar, obviamente. Também, como é bem sabido, a “indústria cinematográfica” se apoderou desde sempre da magia do “cinema” para produzir entretenimento de massas, que difunde na televisão e na internet, em produtos variados, os quais correspondem a uma grande procura de divertimento num modelo de sociedade global dominada pelo stress, pela depressão, pelo emprego precário, desemprego, ou exclusão, e pela concomitante produção e consumo em massa de objetos de entretenimento.

Bernard-Henri Lévy e André Glucksmann, etc.), o livro de Pascal Bruckner, “O Remorso do Homem Branco”, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1990.

⁶ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Club_Méditerranée. Um exemplo típico da publicidade e do “produto” turístico fornecido pode por exemplo ver-se aqui: https://www.clubmed.pt/r/Columbus-Isle/y?_ab2=b

O objectivo deste breve ensaio é acentuar a ideia de que, tendo inventado o Ocidente a ideia de “primitivo” – hoje desqualificada dadas as suas conotações pejorativas, ligadas à representação de um ser bruto, bestial, por oposição ao homem/mulher educados por uma cultura longamente amadurecida e refinada⁷ – na verdade as condições criadas pelo capitalismo tardio, neoliberal, entraram em contradição com o ideal de generalização da educação e da cultura (nas suas múltiplas modalidades, consoante as tradições regionais) a grandes massas de pessoas, ou seja, com uma escolarização universal e conducente a um emprego satisfatório na sociedade contemporânea, emprego esse concebido como uma das bases do laço social e da estabilidade emocional dos indivíduos. Essa impossibilidade, de todos conhecida, leva a um processo de “embrutecimento” das pessoas e das comunidades (a *bêtise* de que tem falado, por exemplo, Bernard Stiegler)⁸ que a qualquer um(a), hoje, “entra pelos olhos dentro”.

Vejam os alguns sintomas/exemplos desse “processo de embrutecimento”, o qual altera profundamente algumas das características comportamentais e sociais consideradas ainda há algumas décadas, e pelo menos nos países e meios ditos “democráticos”, e até mesmo pelo senso-comum mais elementar, como essenciais a um ambiente “civilizado” e em progressiva extensão (acreditava-se) à generalidade das pessoas, pelo menos em termos de oportunidade.

Afirmo desde já que não pretendo nem ser exaustivo, nem colocar-me do ponto de vista neutro (lugar de deus ou da “ciência”), que julgo ser precisamente um dos sintomas da degradação das condições de vida a que assistimos e de que somos vítimas. Essa “objectividade” é uma forma de impor uma ideologia. A minha convicção, que essa não desejo impor a ninguém, é a de que todo o processo aqui em causa se liga à extensão global do capitalismo neoliberal, hoje sem rivais, e portanto podendo finalmente mostrar a sua “verdade”. Pela primeira vez, “o rei vai nu”. Mas sem pudor...

Como esta verdade é global, não apenas envolvente, mas intrínseca a tudo o que pensamos e o contamina mesmo quando queremos colocar-nos de fora para objectivar e para fundamentar um argumento, acontece que qualquer ensaio ou tentativa de espírito crítico é imediatamente capturada pelo sistema, seja sob a forma de silêncio, de ignorância (considerar a crítica despicienda) – um dos modos de violência simbólica, *apagar* o oponente – seja sob a forma de carnavalização – quem levanta ou foca questões sob determinado prisma não é pragmático, não

⁷ No sentido alemão de *Bildung*. Cf. <https://en.wikipedia.org/wiki/Bildung>

⁸ V. por exemplo deste autor, fundador e animador da associação *Ars Industrialis*, “États de Choc: Bêtise et Savoir au XXIe Siècle”, Paris, Mille et Une Nuits, 2012.

vive neste mundo, é dogmático, repete slogans, é superficial, é um simples “entertainer”, é palhaço, etc. – seja sob a forma comercial de mercadoria: as grandes editoras livreiras, por exemplo, compram pequenas editoras de esquerda e mantêm as marcas destas, que têm os seus nichos de público e vendem como tal; as T-shirts de Che Guevara, por exemplo, estão por toda a parte como emblema totalmente neutro, a palavra “revolução” é utilizada a torto e a direito para chamar a atenção para qualquer novo produto, as atitudes de rebeldia (por exemplo, nos signos corporais ou na “street art”) dão bons produtos de marca ou de atração turística, etc., etc. O mercado é inclusivo, e não só dá uma imagem de tolerância, como até de ousadia. Esta “ousadia” é totalmente pré-programada, não tem qualquer efeito a não ser a construção de sonhos ou a promoção de atitudes totalmente inócuas e ainda por cima em geral rentáveis para uma marca ou para um negócio. O capital é despuorado, desempoeirado, dinâmico, captura e integra tudo o que dá lucro.

O negócio, o mercado, invadiu todas as atividades, todo o horizonte do humano. A tal ponto que os poderes estão sempre a observar o que estará por detrás do voluntariado ou das práticas não lucrativas, e a pergunta que farão é: qual será a motivação última (qual o interesse individual, qual o tipo de capital que determinado indivíduo ou organização acumula, ganha, capitaliza) por detrás de tal ou tal atividade não lucrativa? *A prática da simples felicidade, ou seja, a vida qualificada, não entra no universo global dos interesses*; o sistema capitalista não tem essa lógica da alegria do serviço prestado *pro bono...* o sentido de comunidade desinteressada é-lhe alheio.

Por outras palavras, o capital é um elemento cego, alimentado por uma máquina automática, que até inclui na sua prática o mecenato, a produção de objetos e eventos e subjetividades que até podem ser diretamente “generosos”, ou caritativos, e que apenas são o ecrã, uma forma de diluir o omnipresente objectivo de lucro. E estes eventos, objectivos e formas de captação de subjetividades têm a grande vantagem de incluir os descontentes, os mais inteligentes, os que poderiam desenvolver uma margem ou até um exterior ao sistema. Não interessa que *esse exterior* exista; apoiando quanto baste as suas atividades minoritárias, aquele – o capital – assegura-se da integração dessas minorias e ainda acrescenta o prestígio daí advindo aos lucros financeiros que por natureza aufere. A marca aumenta o lucro, incrementa-se a si própria pelo prestígio, pelo design. O conteúdo é a forma. E assim o sistema “faz o pleno”, tudo é possível, dentro deste aquário que não tem exterior, e onde convivem todas as espécies. Tudo é bom, desde que em última análise dê lucro. O antídoto do ataque é o próprio ataque: o veneno, como nas vacinas, é transformado em fármaco. Não há nada que fique de fora.

Neutralizando o pensamento crítico, ligado necessariamente a ações que se poderiam tornar incómodas, o sistema global promove continuamente, diariamente, a anestesia de alguns e o embrutecimento de todos. Dispondo de meios fabulosos de produção da novidade, antecipa-se a toda e qualquer disfunção, comprando e promovendo a “novidade incómoda” (e seus autores) e transformando-a (e aos seus autores) numa marca ou produto de referência.

Por exemplo, uma conferência de um “pensador crítico contemporâneo” convidado pode trazer a uma sala cosmopolita uma multidão de pessoas à moda, entre as quais se pode ver caras de antigos “combatentes pela democracia”, agora inteiramente rendidos à sociedade do espetáculo, no sentido, claro, de Guy Debord⁹. Claro que à mesma hora se produzem, nacional ou localmente, milhares de eventos, que fazem com que àquela determinada conferência só compareçam pessoas de uma certa “elite”, mesmo que essa conferência seja de entrada gratuita: não só a maior parte das pessoas não está motivada, como se estivesse presente não entenderia o que ali se passa, como de facto – e isto é o mais interessante – o que ali se passa, fora do contexto de leituras e reflexões, é já só puro espetáculo, uma coisa da moda, encenada como tal.

Entretanto em qualquer lado, por exemplo, a nível autárquico, quando se organiza um debate aberto e gratuito sobre um grande tema da atualidade, mesmo que seja publicitado, a maior parte das pessoas não aparece. Porquê? Devido ao processo de anestesia e de embrutecimento a que estão sujeitas. Após uma semana de trabalho alienante e rotineiro preferem algo de mais divertido, seja o que for. Este é o processo de embrutecimento que prolifera por toda a parte, todos os dias, em praticamente todos os países.

Não se julgue que ao comentar estes factos que todos conhecemos pretendo criticar ou menosprezar pessoas ou entidades, a partir de um ponto de vista “superior” ou “elitista”: tudo ao contrário! O que pretendo é encontrar as razões pelas quais o processo da educação – no sentido mais profundo do termo – do comum dos indivíduos não tem hoje qualquer interesse, sendo substituído pelo divertimento. Senti-o desde já há muito tempo, quando por exemplo, numa autarquia importante do Norte do país, onde eu imaginaria haver um “pelouro da cultura”, existia sim – e até promovia acontecimentos de interesse – um “pelouro de animação”. *Animação* é a palavra-chave da sociedade do espetáculo.¹⁰

⁹ Consultar por exemplo aqui: <https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>

¹⁰ Infelizmente, esta animação não é a que se reporta Zeca Afonso na sua célebre canção <https://www.youtube.com/watch?v=h4Xy6-QnQko>

E tudo isto porquê? O diagnóstico foi mil vezes feito. Porque a maior parte das pessoas, como sabemos, se vai tornando excedentária. O capital precisa de força de trabalho, sim, mas altamente especializada e concentrada em “think tanks” e em técnicos muito capazes em determinadas áreas bem precisas, bem específicas, e em mais nenhuma, pois existem máquinas que as realizam; e a maior parte das pessoas que conseguem emprego conseguem-no à custa de um trabalho alienante e mal pago, estando condenadas a uma vida miserável de pura subsistência.

Que estímulo têm assim os jovens para trabalhar, para estudar, para se prepararem para um futuro que lhes é totalmente opaco? O neoliberalismo provocou a desestruturação sistemática de todos os sistemas de estabilidade de valor que, melhor ou pior, enquadravam as pessoas e permitiam que elas estabelecessem planos de vida. Esses planos de vida estão hoje reservados aos privilegiados, que reproduzem nos descendentes as suas condições excepcionais, podendo ainda proporcionar-lhes condições de estabilidade psicológica, de emergência de vocações, de aquisição de competências que sabem que irão exercer se forem mesmo figuras de topo, para o que é necessário, como sempre, um esforço e um investimento constantes. Há sempre exceções, mas a regra é esta. Por exemplo, para se vir a ser um bom músico, em geral, é preciso desde muito novo ter em casa e no meio-ambiente uma atmosfera estimulante, algo que faça despertar o gosto pela música, no seu sentido mais profundo, como uma arte complexa e exigente, quer ao nível da composição quer da execução. É preciso ter os meios financeiros necessários para pagar essa preparação longa, muitas vezes com estágios ou mesmo cursos obtidos no estrangeiro. E toda a preparação cultural acessória, todo o *habitus* que permite a um indivíduo circular com à-vontade por meios sociais ocupados por elites, o que implica hábitos de vida citadinos, por exemplo quase impossíveis para quem habita periferias. É isso acessível a uma maioria de pessoas, que apenas luta para sobreviver? É possível hoje à maioria da população viver no centro das cidades, entregues aos ricos, aos grandes especuladores financeiros, aos turistas de luxo, aos hotéis, bancos e companhias de seguros? Claro que não, todos o sabemos bem.

Só uma parcela mínima de pessoas acede à criação artística, à criação científica, a postos universitários de investigação e ensino que aliás têm vindo a degradar-se, com a colocação das universidades ao serviço das empresas, quando o papel da universidade, não sendo estar virada para dentro, até porque consome recursos públicos, devia ser o de um alfobre de saber crítico, aberto, livre, onde se pudesse, com tempo, de facto refletir em conjunto. Mas que sociedade está hoje interessada nessa reflexão, nomeadamente na área das ciências sociais e humanas, ou da filosofia?...

Não, o que importa é ir entretendo gerações inteiras com diplomas inflacionados que na sua maior parte não têm aplicabilidade, não só porque são obtidos num espaço de tempo curto, através de uma aprendizagem massificada, como porque certas especialidades, por não serem lucrativas, não têm viabilidade neste modelo de sociedade. E a maior parte dos professores tem uma carga lectiva excessiva, uma carga burocrática muito grande que lhes tolha o tempo para o raciocínio... É preciso perceber esta realidade comezinha, mas fundamental, as melhores ideias aparecem quando temos intervalos descontraídos, quando podemos dedicar-nos a buscas de temas e de problemas não imediatamente aplicáveis a seja o que for... e as “novas tecnologias” são utilíssimas quando se tem preparação nas antigas, no livro, na prática técnica que qualquer trabalho exige. A internet é basicamente um utensílio como o telefone (até certo ponto... é bem mais complexo, obviamente... e por isso é que captura a atenção e serve como dispositivo de alienação e de controlo).

Quando eu era estudante universitário, tinha colegas que achavam estranhas as leituras que fazia, ou as procuras em enciclopédias, dicionários, etc., que constantemente me via obrigado a realizar, como ainda hoje com a wikipédia, precioso auxiliar. Esses colegas estavam concentrados “nas matérias que vinham para o exame”. Pareciam não fazer uma autoanálise para compreender a imensa ignorância que uma pessoa com 17, 18, 20 anos tem em relação a quase tudo, precisando, por iniciativa própria, de se munir de um mínimo de capacidades e de conhecimentos para poder basear o que aprende, e assim ir cartografando, de algum modo, por tentativa e erro, um percurso. Desconheciam aquela frase premonitória de Abel Salazar, quando dizia que um médico, quando só sabe medicina, nem médico é...¹¹

Por outro lado, não se pode estar dependente de um qualquer professor ou tutor por melhor que seja; tem de fazer-se esse esforço em solitário ou com amigos inteligentes, que nos ajudem a compreender. Nomeadamente quando na família não há capacidade (por falta de competência ou tempo) para isso.¹²

¹¹ Francamente, às vezes, sinto que faço falta, agora, no Porto, onde desde 1975 ajudei a criar uma “escola” em arqueologia – *o que implicava tudo menos apenas arqueologia...*

¹² É o caso de tantos agregados que conheci, e qualquer um de nós conhece. O que julgo deveria ser um direito inalienável do(a) trabalhador(a), o de ter o seu fim de semana livre de qualquer serviço, não é cumprido. Assim, é impossível planear lazeres de qualidade. Por exemplo, a maior parte dos funcionários públicos em Portugal ganha salários de miséria, incompatíveis com a criação de estados de espírito e com a aquisição de bens que permitam o desenvolvimento de interesses culturais nos quais possam, se o desejarem, incluir o agregado familiar. O que se dá é um sentimento de abdicação de interesses, de depressão, por falta de motivação. Os serviços são na maioria de uma burocracia enorme e de um baixo nível intelectual assustador. Resultado: a desagregação frequente da família, ou

Um dos nossos maiores inimigos é a ideologia do empreendedorismo. Que se entende por tal mitologia? Ser-se esforçado, procurar-se incorporar o já sabido para se poder fazer algo de novo? Isso é de todos os tempos, e quando muito haverá uma aceleração das inovações tecnológicas, e científicas com maior apoio. Mas é claro que a ideia de cada um ser empresário por conta própria só resulta se a pessoa tiver um bom capital (não só financeiro, mas também social) de base, se o Estado diminuir a tenebrosa burocracia, e se houver portanto condições para um arranque que tenha êxito, com regras claras, e parceiros que as cumpram também. Senão não há boa vontade, voluntarismo, que não acabe em fracasso e frustração.

A concorrência entre pessoas e grupos é positiva? Sim, se forem respeitadas também certas regras de mútua convivência e também interajuda. Um parceiro, saudável concorrente, não é um inimigo. Pode haver uma complementaridade. Senão, é uma luta sem quartel, em que facilmente se cai em agressividade, quando não em corrupção, para conseguir objetivos, se o êxito e o lucro forem imprescindíveis. Ora sabemos que a regra de acumulação de capital é intrínseca ao capitalismo, que a tem de assegurar a todo o custo. E sabemos que isto, transplantado para a sociedade como um todo e para as relações humanas, cria indivíduos doentes, super-egoístas, capazes de passar por cima de tudo e de todos para vencer. É um sistema perigoso, e que gera, a partir do seu próprio núcleo, constantes fragmentações. Casais que se desfazem, amizades que se rompem, depressão, mau-humor, constante fricção e ciúme, inveja, enfim, o pior da realidade humana, porque o sistema se baseia nos indivíduos como mónadas, entregues ao seu destino, e destrói o sentido de comunidade, e, a não ser em casos extremos, de interajuda. Vivi esse ambiente toda a vida, até na Universidade, onde cada colega pode ser sempre um concorrente, a que cujos movimentos convém estar atento. Porque os sistemas muito funcionalizados privilegiam os indivíduos espertos em desfavor dos inteligentes; os burocratas que ascendem aos postos de chefia em desfavor dos que se consagram a investigar, atividade que implica um certo descolamento da realidade prática, onde os espertos nadam no seu lago preferido. A Universidade é um ambiente muito complicado e, por vezes, neurótico ao extremo. Também aí a métrica se instalou, o que importa é a quantidade, a formalidade, os rituais, e não apenas os chamados conteúdos, que muitas vezes até se evita discutir em profundidade, porque a discussão profunda requer tempo e sobretudo é arriscada porque fomenta dissenso. Mas o consenso é a paz podre, que apenas beneficia quem já está instalado, que não promove quem tem valor para mudar mesmo estruturalmente as coisas. Não há tempo nem ocasião para pensar em grupo, para

de alguma unidade que a substitua, com todas as consequências e custos sociais inerentes.

trabalhar em equipa de que tanto se fala. Em última análise, é cada um por si. Não há tempo nem sossego nem disponibilidade de espírito para ler, para ouvir, para viver tanta coisa que se produz e que nos é apresentada como imperdível. Mais valeria pouco, e bem assimilado... porque pouco e muito estão em relação dialética, e o pouco bem assimilado (mas bem escolhido) vale bem mais do que a bricolagem do muito articulado de forma superficial... e apressada...

Muitas pessoas dedicam uma vida a fazer mais do mesmo... quando muito, atualizam constantemente o que já sabem fazer, mas não arriscam fora disso. Pelas mesmas razões invocadas acima, de falta de tempo e de oportunidade. Mas também muitas pessoas se deixam embarcar em ideologias conservadoras, mesmo que digam ser progressistas, de esquerda, etc. No seu dia a dia, na sua prática concreta, são conservadoras ao máximo. E portanto reagem em relação a tudo quanto mude as suas rotinas, seja de ideias, seja de pressupostos, seja de relações humanas, seja o que for... estão instaladas dentro da teia que elas – a maior parte da vezes replicando a ideologia ou o modo de estar da geração anterior – próprias criaram, talvez como um processo inconsciente de justificarem o seu conservadorismo, a sua acomodação. Só um abalo nessa acomodação, qualquer que seja a origem, pode provocar em muitas pessoas o questionarem-se desde a base, o terem uma maior abertura para o outro, para o diferente, para o que antes lhes aparecia como agressivo.

Todas estas formas de intransigência, de cinismo, de hipocrisia, a que assistimos, não pertencem a qualquer suposta “natureza humana”, sempre o argumento com que os conservadores de todos os matizes, mas sobretudo de direita, tentam justificar a manutenção do *status quo*. São criação e produto da sociedade capitalista concorrencial; são criação e produto da sociedade de classes; são criação e produto de um mundo corrupto, onde uma parte da riqueza se concentra numa minoria das minorias, sem pudor de saber que a maioria da humanidade morre diariamente em guerras, à fome, na carência dos mais elementares meios de constituição de um ser humano.

Diga-me então, perante este panorama bem conhecido, o(a) leitor(a): quem são os primitivos? Quem são os selvagens? Quem são os bárbaros? Quem são as pessoas que andam no metropolitano obcecadas com os seus telemóveis, e apenas abrindo os olhos para a realidade para procurarem não ser roubadas? Quem são os nossos vizinhos a quem digo apenas palavras de circunstância, e que até evito encontrar, porque prefiro ir no elevador a olhar-me ao espelho? Quem somos nós, que evitamos sempre que encontramos um conhecido, ou mesmo um amigo, dizer qualquer coisa que levante polémica, porque estamos cansados de tanta vã discussão, e de tão pouca ajuda e colaboração? Quem somos nós que vamos às

redes sociais encenar identidades, ou fazer desabafos, e jamais as utilizamos a não ser para “vender” uma imagem ou algo que de algum modo nos enaltece, que promovemos, a que estamos ligados e aumenta o nosso estatuto cultural? Quem somos nós senão os verdadeiros primitivos?...

Na arena, os gladiadores dirigiam-se ao imperador, e saudavam aquele mesmo que estava na origem da sua aniquilação: “Ave, César, os que vão morrer te saúdam.” Não pode haver maior símbolo da auto-destituição simbólica.

Pois eu diria que a maior parte dos seres humanos, mesmo os que com fato e gravata, bons carros e comitiva, se deslocam nas chamadas sociedades civilizadas, os burocratas que servem os grandes poderes económico-financeiros que detêm de facto o curso das coisas, esses bem podiam voltar-se para qualquer lado que entendessem, pois o Grande Outro simbólico para que compõem a imagem está em qualquer lado (é o substituto de deus, quer dizer, inexistente, na sua onnipresença), e dizerem, nem que fosse para os seus botões: “Ave, vácuo, os que andam para aqui como mortos-vivos te saúdam.”

Loures, março de 2018.